

FAMÍLIAS RURAIS POBRES ALCANÇADAS PELO PROJETO ERTE¹

Sonilda Sampaio Santos Pereira²

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, é feita uma reflexão teórica e prática sobre a importância da socialização e interação das famílias pobres rurais alcançadas pelo Projeto Escola Rural Taylor-Egídio – ERTE. Os objetivos pretendidos foram: elucidar os conceitos de cooperação, interação e reciprocidade entre o pacto político e as famílias – não-assistidas mas partícipes das ações educacionais institucionalizadas –, e observar a viabilidade de um modelo escolar residencial.

2. METODOLOGIA

Pesquisa teórica para embasamento, entrevistas orais gravadas com alunos, professores e familiares; entrevistas escritas e observação direta na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio e na zona rural contemplada pelo projeto ERTE.

3. PROJETO ERTE

O Projeto ERTE: Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, situado no município de Jaguaquara – Bahia, é uma escola residencial com pedagogia de alternância que atende a crianças carentes da zona rural. Acontece através da parceria entre a Fundação José Carvalho (interveniente), a VITAE (empresadora), o Colégio Taylor-Egídio (espaço físico) e o Governo do Estado da Bahia (mantenedora). Encontra-se no terceiro ano de funcionamento e contempla, atualmente, 536 alunos.

A proposta pedagógica, que se propõe a palmilhar o caminho libertador, sonhado por Paulo Freire e defendido em suas teses: “conscientização” e “ação cultural para a liberdade”, é o alvo maior do projeto ERTE e objetiva: alfabetizar sem o preconceito imposto pela variante padrão da língua, valorizar as múltiplas variantes da língua utilizadas nas diferentes zonas rurais, respeitar a diversidade cultural e viabilizar o exercício da cidadania.

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, no seu 3º ano de funcionamento, está com 536 alunos efetivamente matriculados. Destes, 343 são do sexo masculino e 193 do sexo feminino, em idade de 7 a 14 anos. Todos oriundos da zona rural. As zonas rurais alcançadas chegam até a 63 Km de distância da escola. As famílias dos alunos contemplados trabalham na agricultura, muitas possuem seus pequenos pedaços de terras, mas não trabalham neles por falta de recursos próprios. A média da renda mensal das referidas famílias é de R\$120, 00 (cento e vinte reais), com esta renda sobrevivem pais e uma média de 7 a 8 filhos, por família. 90% destas, dizem-se católicas e acrescentam que não são praticantes; 10% evangélicas, nenhuma família professa a doutrina espírita nem se diz sem religião. A cor negra é predominante, representando 80% da clientela. São 70% de pais e/ou responsáveis pelas crianças que não assinam seus nomes; 30% são alfabetizados, mas não fazem o uso social da leitura e da escrita. As moradias não têm saneamento e falta alimentação e princípios de higiene.

¹ Estudo e pesquisa vinculados à disciplina Sociologia da Família do Mestrado em Ciências da Família – UCSAL, sob a orientação do Professor Doutor João Carlos Petrini.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Família da Universidade Católica do Salvador – UCSal e Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, professora da UESB e Diretora da Escola Estadual Taylor-Egídio.

O processo ensino-aprendizagem tem êxito porque além das aulas, os alunos e alunas são assistidos nas atividades pedagógicas de acompanhamento desenvolvidas pelos professores auxiliares que atendem às necessidades individuais. O lúdico perpassa todos os conteúdos curriculares e gera atitudes de companheirismo e colaboração entre alunos e alunos e alunos e professores.

A musicalização é veículo de elevação da auto-estima porque o alunado se coloca através do canto individual e grupal e da participação em conjunto instrumental. A vivência com o ritmo e letras de músicas facilita a aquisição do sistema da língua escrita.

Alunos e alunas alfabetizados alfabetizam seus familiares no período que passam em suas residências através do projeto “ALFABETIZANDO ALFABETIZADOR”, sub-projeto da ERTE. O corpo docente estuda, semanalmente, temas relacionados à prática pedagógica alfabetizadora e processo socializador. A ERTE interage com as outras unidades escolares formais do município e com a comunidade, estabelecendo parcerias significativas. Os resultados do Projeto ERTE têm sido divulgados através de pesquisas de alunas da graduação e pós-graduação da UESB.

O processo socializador pressupõe a cooperação mútua – interação dos sujeitos partícipes e inseridos nos mesmos limites temporais e espaciais. A socialização é inerente à espécie humana, sua própria existência e permanência só se dão por meio das relações com os outros.

Em todos os níveis de interação, o homem faz uso da linguagem, sobretudo da modalidade oral. Esta, de importância singular, é ferramenta para que a socialização e a humanização se estabeleçam. Tornar-se “humano”, em essência, é desenvolver através do meio, as possibilidades inatas de compartilhar, permitir-se ser afetado e afetar os ambientes nos quais participa. Em seus primeiros ambientes, o sujeito socializa-se de forma primária e, à medida que alarga suas interações, em outros ambientes externos, de forma secundária.

Com o objetivo da continuidade da socialização secundária de famílias da zona rural, um pacto interpólitico se firmou e resultou na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio que busca, na interação com as famílias, a realização de um fazer educacional cooperativo.

A ERTE é um espaço para a ação do Estado e das suas parceiras, numa perspectiva do princípio de subsidiariedade, isto é, um apoio às famílias nas tarefas que elas negligenciam ou, às vezes por impossibilidades, não as realizam. Serviços de ordem emergencial, para os casos de riscos, já foram organizados. Mas o objetivo da ERTE é uma intervenção efetiva, de forma preventiva nas famílias envolvidas no projeto (PETRINI, 2003).

A experiência social do ser humano começa com o nascimento. Todavia, durante a construção de cada biografia, muitas das experiências vivenciadas, são não-sociais. Estas somente serão percebidas no futuro através de uma retrospectiva da história individual (BERGER, 1999). Não obstante a possibilidade de experiências não-sociais, o homem é um ser em relação com outros seres da espécie, por excelência. Logo, o processo de socialização está presente em toda a sua experiência de vida, é um meio pelo qual o indivíduo aprende a ser membro de um grupo e/ou de vários grupos.

Pesquisadores têm refletido, estudado e escrito acerca das influências dos padrões culturais e sociais sobre o indivíduo. A questão merece reflexão: o processo de socialização inibe a individualidade? Esta não é nossa preocupação agora, mas surge como relevante para um estudo posterior. Atingindo, ou não, a individualidade, a socialização é um processo real. Lakatos & Marconi (1999) afirmam: a própria convivência diária é uma mistura de socialização e adestramento. Segundo Berger (1999), a socialização é o processo de iniciação por meio do qual a criança pode desenvolver-se e expandir-se a fim de ingressar no mundo que está ao seu alcance. A partir deste ponto de vista, a socialização constitui parte essencial do próprio processo de humanização integral e plena realização do potencial do indivíduo. Humanizar-se é possível através do socializar-se. O enigma de Kaspar Hauser, documentário em filme, enfoca a socialização como imprescindível para o ser humano “humanizar-se”. Ser socializado significa ser introduzido na compreensão da realidade total, isto é, dá conta da existência do universo e de seu espaço nele; perceber o outro enquanto “tu” e compenetrar-se das inter-relações; colocar-se como sujeito ativo no diálogo com a natureza, com outros sujeitos e consigo mesmo, realizando assim o processo de

humanização. É através da linguagem (capacidade inerente apenas ao homem), desenvolvida por meio da interação social, das relações, que o homem adquire o *status* de ser pensante. A capacidade lingüística não pode ser considerada apenas sob o ponto de vista inatista chomskyano, ela necessita do meio, isto é, de outros indivíduos para estabelecer-se. Daí, a humanização é consequência da socialização, ou melhor, das relações.

Saraceno (1997) vai mais adiante ao tratar da necessidade do ambiente para o desenvolvimento da linguagem. Citando o sociolinguísta B. Bernstein (1971-1973), ressalta que os grupos sociais elaboram suas próprias falas e adotam modos de comunicação verbal próprio, o que permite diferentes competências nas relações interpessoais e no processo social. Exemplo: nas famílias de classe média, onde prevalece o modelo da educação através da persuasão e a interiorização dos valores, a linguagem torna-se poderosa forma de controle social.

Berger (1999) apresenta questões interessantes sobre a socialização enquanto processo de configuração ou modelagem. Defende com Lakatos & Marconi (1999) e com Brofenbrenner (1996) a reciprocidade no processo de socialização: o indivíduo socializado é afetado pelos ambientes e os afeta também. Socializar-se é possível ao ser humano através da interação ou, como propõe Vygotsky (1991), mais enfaticamente, da sócio-interação. Neste processo, o sujeito socializado identifica-se com outros e é por eles identificado, a interação é contínua e está presente na vida de toda pessoa enquanto existir. Sendo assim, a socialização nunca chega ao fim, por isso os sociólogos abrem o leque do processo socializador: além da socialização primária, há a secundária que não termina.

Tanto na dimensão primária quanto na secundária da socialização, a **cooperação** é um tipo particular de atitude em que os grupos atuam em conjunto. Segundo Lakatos & Marconi (1999), a cooperação na interação social como processo socializador deve ser, além de contínua, direta, isto é, espaço onde os sujeitos envolvidos agem diretamente mediados pelo espírito solidário.

Além de ser entendida como ação recíproca, a interação social é consciente (TOSCANO, 2001). Bastante diferente da interação entre os não racionais que não elaboram cognitivamente suas ações, nem suas interações. Toscano (2001) cita Sorokin para definir a idéia da interação social consciente: “todo o evento com que se manifesta, em um grau tangível, a influência de uma parte sobre as ações exteriores ou estados mentais de outra”. Esclarece o pensamento de que as interações sociais influenciam e são mensuráveis, isto é, perceptíveis aos sujeitos influenciados e influenciadores.

Neste ponto, pode-se pensar a família como grupo social influenciando e sendo influenciada pela ação de outras instituições. A instituição de interesse neste estudo é a educacional - Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, a qual interage com famílias pobres e, sobre estas Carvalho (2000) lançou um olhar e as pensou como prioridade na agenda da política social. A autora diz que a família pobre deve ter prioridade na política, uma vez que é a família, situada em qualquer ponto da pirâmide social, o primeiro sujeito que referencia e totaliza a socialização dos indivíduos. O assistencialismo tão presente na história política do Brasil deve ceder o lugar para uma política social e educacional digna: além dos sujeitos, de *per si*, as famílias, como um todo, devem ser alcançadas. Um alcance não periférico, mas das reais necessidades, de forma respeitosa às suas identidades numa visão que considere que, mesmo pobres, da zona rural, são criadoras de seus vínculos e de seus próprios sistemas e têm garantido suas reproduções sociais ao longo da história (CARVALHO, 2000).

A Escola Rural Taylor-Egídio é uma instituição educacional, orientada pela instituição eclesial (Igreja Batista Baiana) que interage solidariamente com as famílias dos seus clientes (alunos). Através dos alunos, a ERTE estabelece uma parceria com as famílias num objetivo de ampará-las em suas necessidades básicas de auto-estima, autoprodução, reflexões, higiene, saúde etc. Trata-se de uma educação de promoção familiar e não apenas compensatória, pelo menos este é o desafio numa visão de que é necessário muito mais, num processo de socialização, do que apenas matricular uma criança na escola. É necessário que o projeto educacional busque apoiar psicossocial e culturalmente, de forma contínua, as famílias envolvidas em seu projeto. Isto significa assistência a toda a família e não apenas a um só membro (OLIVEIRA, 2000). O pacto interpolítico do

programa de socialização secundária da zona rural de Jaguaquara envolveu, sobretudo, as famílias como pares do projeto. É fundamental o fortalecimento da parceria com as famílias da Escola, sem a qual os ideais sociais não se concretizam, pelo contrário, surgem e logo murcham. Pontes (2000), numa pesquisa sobre o trabalho escolar das famílias populares, observou que é imprescindível a participação das famílias para o êxito dos alunos. Logo, a família entrou como parceira e não como uma assistida pelo referido projeto.

Fazer educação é viabilizar o processo social secundário. Lakatos & Marconi (1999) citam Fernando de Azevedo: “A educação é um processo social” é necessário observá-la em sua multiplicidade e diversidade. Na dimensão educacional são possíveis as múltiplas vivências relacionais. A escola, enquanto instituição educacional, concorre para o desenvolvimento da sociedade, possibilitando aos sujeitos a relação “eu” – “tu”, isto é, o “eu” age na percepção do outro como “tu”. Philippe Ariès (1981), afirmou: “[...] nossa sociedade depende e sabe que depende do sucesso de seu sistema educacional”. Na perspectiva do sucesso social, do êxito das relações que se desenvolvem em seu seio, a ERTE emerge propondo e buscando a realização das referidas relações de forma eficiente e efetiva. As crianças internas são contempladas pela proposta: interação solidária – espaço de compreensão e de vivência que realiza o sujeito porque lhe permite ser um “eu” e perceber o outro como um “tu”. Esta proposta abrange as relações: aluno-aluno, professor-aluno, funcionário-aluno, direção-aluno, família-aluno etc. As crianças são percebidas como indivíduos e, como tais, únicos, merecedores de tratamentos singulares.

Os dois anos e meio de funcionamento têm sido testemunhas do valor social e espiritual do empreendimento ERTE, como agência fortalecedora das relações recíprocas, duradouras, tolerantes e cooperativas. Depoimentos de pais e mães, alunos e alunas, professores e professoras e da comunidade são indicadores da abrangência da ação educativa integral do projeto. Nas entrevistas há relatos que, além de ler e escrever, os educandos aprendem sobre o viver comunitário e elevam a sua auto-estima. Os familiares relatam que não podem fazer o que a ERTE faz por isso, as crianças desejam logo retornar ao convívio da residência escolar. Este fato volve nosso olhar: mesmo as famílias dos alunos sendo atendidas e parceiras, é possível que o projeto ERTE influencie negativamente o rompimento dos laços domésticos. É um desafio desenvolver uma ação educativa integral com alunos, suprimindo suas diversas carências e, simultaneamente, fortalecer os elos afetivos domésticos, uma vez que a relações filho-pais, pais-filho e irmão-irmão são valorizadas pelo projeto.

Sempre de volta às suas casas as crianças sentem o impacto da qualidade da alimentação, da dormida e das relações humanas construídas no internato e em todo ambiente escolar.

Neste dois anos e meio de funcionamento, dois casos particulares inquietam a equipe diretiva da Escola (estatisticamente, é um número insignificante, mas como o humano nos é prioridade, fazemos esta pontuação): um aluno e uma aluna que não conseguiram se adaptar ao modelo residencial: um vivia e voltou para o “mato” literalmente, sem qualquer referência familiar e o outro caso é de uma menina de nove anos de idade que ficou o primeiro ano e, no início do segundo, viveu crise de saudades dos pais. Esta aluna desejou permanecer, mas não conseguiu. Daí surgem as questões: quais competências faltam à equipe? O que ainda não foi contemplado por nosso olhar? Quais lacunas estão abertas? Estas e outras questões temos em pauta.

4. REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Conscientização**. Teoria e prática da Libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980

PETRINI, João Carlos. **Pós-modernidade e família**.um itinerário de compreensão. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

TARALLO, Fernando L. A **Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

TOSCANO, Moema. **Sociologia Educacional**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.